

PAULA SIBILIA

Conectados, visíveis, ansiosos e dispersos.

A antropóloga e ensaísta Paula Sibilía, professora do Departamento de Estudos Culturais e Mídia, bem como do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), em fala proferida em agosto de 2017, chamou a atenção para a oposição intimidade x extimidade, que marca a passagem de uma modernidade clássica para a hipermodernidade característica dos tempos atuais em que, consonante com dispositivos de hiperconectividade, observa-se a constituição de uma intimidade forjada para ser publicizada nas redes sociais.

AUTORES:

Andréa Maria Carneiro Lobo
- professora do curso de Direito do UniBrasil Centro Universitário e tutora do PET; mestre e doutora em História.

Angela Machado Couto
Fonseca - professora do curso de Direito da Universidade Federal do Paraná (UFPR); mestre e doutora em Filosofia do Direito.

Ricardo Marcelo Fonseca
- reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), professor associado do curso de Direito; mestre e doutor em Direito.

A antropóloga, filósofa e ensaísta argentina, Paula Sibilía, esteve no UniBrasil Centro Universitário proferindo a palestra intitulada “Conectados, visíveis, ansiosos e dispersos”.

A autora de livros como “O Homem Pós-Orgânico” (2002) e “Redes ou Paredes: a Escola em Tempos de Dispersão” (2012) abordou na palestra um de seus mais recentes e interessantes livros: “O Show do Eu: a Intimidade como Espetáculo”, lançado em 2016.

A partir da temática sugerida pelo livro, a autora chamou a atenção para a oposição entre intimidade, concepção burguesa, desenvolvida ao longo da modernidade; e extimidade, aspecto que caracteriza a exposição de si nas redes sociais contemporâneas.

A intimidade foi uma conquista relacionada ao modo de vida burguês e do desenvolvimento da concepção de espaço privado. Foi da necessidade de se estar só, consigo mesmo, com seus próprios pensamentos é que o modo de vida burguês criou as casas divididas em cômodos, e os quartos individuais, separados do restante da casa por paredes que tornam possível a materialização dessa necessidade.

Ao desenvolvimento dessa necessidade de estar só corresponderam determinados dispositivos físicos, tais como o quarto individual e as paredes; e também certos pudores que com esses dispositivos se desenvolveram, entre eles, a discrição, o decoro e a necessidade do ocultamento de algo conservado e cultivado como precioso: a intimidade. A intimidade foi uma dura e longa conquista. Através dela o homem moderno, o homem burguês, pôde voltar-se para dentro de si, sondar, escavar seus incônditos mistérios, vivenciar sua subjetividade e externa-la somente para si, por meio de diários e cadernos de confidências.

Aliás, segundo Sibilía, diários e cadernos de confidências constituíram-se em dispositivos de externalização da intimidade, mas uma externalização acessível somente àquele que a externava. A finalidade dos diários era o registro dessa escrita de si, para si, com o intuito de melhor dar a conhecer a si mesmo para si mesmo. Uma fruição de si, um fluido ininterrupto de subjetividade, tão, tão secreto que era guardado em lugares escondidos e fechados à chaves com cadeados. Essa conquista tão cara, a intimidade,



A ensaísta e pesquisadora Paula Sibilia

que é parte da construção de algo ainda mais complexo, a subjetividade, vem sendo paulatinamente desconstruída, afirma Paula Sibilia, de forma vertiginosamente rápida nos últimos dez anos.

Mas esse alerta já era dado em 1967 pelo escritor francês Guy Debord, em seu livro "A Sociedade do Espetáculo". Uma das questões centrais colocadas por Debord em 1967 é a profunda mudança que se operava nas relações sociais: os relacionamentos sociais passariam a se dar pela ótica da imagem, ou seja, o modo de se relacionar passava, a partir de então, pela lógica da transformação das coisas mais banais da vida em imagens, e da exposição pública dessas imagens. Imagens mediando as relações sociais, publicizadas como espetáculo, fazendo da vida um espetáculo constante.

Paula Sibilia destaca que as questões postas por Debord, nos já longínquos anos de 1960, hoje nos parecem não apenas assustadoramente atuais, como ampliadas: na era da hiperconectividade, propiciada por uma série de dispositivos com os quais nos tornamos cada vez mais compatíveis (smartphones, celulares, microcomputadores, notebooks) e que nos dão acesso à redes sociais diversas (como o Youtube, o Twitter, o Facebook, o Whatsapp, o Instagram e tantos outros) nos damos a ver, o tempo todo, transformando pequenos detalhes da nossa vida em imagens, sons e

textos; publicizando, de forma ininterrupta e quase infinita, essa "vida" transformada em imagem.

As paredes do quarto, dispositivos que permitiam ao homem moderno o luxo da intimidade, do contato consigo mesmo, estão cada vez menores, e mesmo quase inexistentes: o que constitui hoje nossa intimidade? Aquilo a que só nós mesmos temos acesso? Ainda existe algo nosso que não é exposto? E de que é feito o conteúdo que publicizamos sobre nós e damos a conhecer nas redes sociais? É mesmo a nossa intimidade ali exposta? Nossa subjetividade desnuda? Ou uma intimidade criada, forjada para ser mostrada – uma extimidade, portanto, nas palavras de Sibilia? Qual o sentido e o porquê da

necessidade de nos expormos o tempo todo? Quais as implicações disso para as novas configurações sociais em curso?

Segundo a ensaísta, nessa exposição íntima de nós mesmos, o que mostramos e vemos nas telas (cada vez menores) de nossos dispositivos de conectividade remota, não é nossa intimidade de fato: mas um ser “melhorado”, incrementado, um ser forjado para ser visto pelo outro. Nos moldamos ao que o outro espera ver de nós e é isso que tentamos, insistentemente mostrar: um eu reconstituído continuamente pelas expectativas de um outro que também não é ele mesmo. E nesse aspecto, os dispositivos precisam ser problematizados: as tecnologias, embora não nos obriguem a utilizá-las de determinada forma, sugerem formas de sua utilização. Um exemplo é a função *selfie* dos celulares: para que existe? Qual a finalidade da *selfie* (dessa foto que se tira de si mesmo) se não mostrar-se para alguém? A *selfie* só se concretiza sob o olhar do outro. É um olhar de si, sobre si, pautado pela expectativa que o outro terá desse nosso olhar sobre nós mesmos.

É o fim da intimidade, então? Na era da hiperconectividade e da espetacularização extrema de si, ainda existe espaço para o encontro de si consigo mesmo? É possível não ceder a essa exposição constante de um eu forjado para ser exposto e gratificado com curtidas e comentários dos outros, também forjados para serem igualmente curtidos e comentados? Como reencontrar-se em meio a isso tudo?

Esses foram alguns dos questionamentos que se seguiram à fala da Dra. Paula Sibilia. Questionamentos que ecoam até hoje no interior daqueles que tiveram o privilégio de assistir a sua fala. E que se complementam com o questionamento do filósofo francês Michel Foucault, em aula proferida no *Collège de France*, no início da década de 1980: o que é isso que estamos fazendo da nossa vida? ●

Ao lado a pesquisadora e ensaísta: Paula Sibilia »



